

Exército envia pára-quadistas à Amazônia

EFRÉM RIBEIRO
Enviado Especial a Tabatinga

Cerca de 30 pára-quadistas do Exército desembarcaram ontem no pelotão do Batalhão Especial de Fronteiras (BEF) do Comando Militar da Amazônia em Vila Bitencourt (a 600 km de Tabatinga-AM), na serra do Traíra.

O envio de pára-quadistas para combater os guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), acusada de matar três soldados brasileiros, foi desmentido pelo comandante do BEF, coronel Augusto Pamplona Vaz, 47.

O presidente da Associação de Moradores de Vila Bitencourt, Alvaro Damasceno, 38, disse à Folha, pelo rádio, que os pára-quadistas chegaram ao local às 13h em um avião Buffalo.

A única movimentação feita pelo Exército ontem em Tabatinga foi a chegada do brigadeiro Sérgio Cordador, 54. Ele se reuniu com Vaz por uma hora.

O brigadeiro Cordador disse que trabalha para o serviço social das Forças Armadas e negou que tenha a missão de coordenar os pára-quadistas. Ele comandou o embarque de caixotes para a Serra do Traíra. Segundo ele, o carregamento não era de "armas ou alimentos, mas de material de manutenção".

As tropas do Batalhão de Infantaria da Selva (BIS) do CMA que deveriam ir ontem para o destacamento na Serra do Traíra não desembarcaram em Tabatinga, como previsto. A Divisão de Inspeção de Vôo (DIV) do aeroporto de Tabatinga disse que os vôos têm a base como ponto de abastecimento. O DIV diz também que a cidade de Tefé (AM) também pode ser utilizada como base alternativa.

O comando do BEF informou que 20 homens do BEF e 40 do BIS chegaram hoje à serra do Traíra. O comandante geral do Comando Unificado do Sul, na Colômbia, Juan Gaitan Gonzales, 52, disse que 50 homens da corporação, em La Pedreira iniciaram operação para reprimir os guerrilheiros.

Collor acha ataque covarde

Da Sucursal de Brasília

O presidente Collor entregou ontem ao ministro Carlos Tinoco (Exército) mensagem em que manifesta gratidão à "família verde-oliva" e se solidariza com os parentes dos soldados mortos pela guerrilha.

Collor se refere ao ataque como "agressão covarde, própria dos que atuam na ilegalidade", e diz que os soldados foram "imolados no estrito cumprimento do dever pátrio". Tinoco pediu verba para um pelotão fixo na área do conflito.

La Pedreira fica em frente à Vila Bitencourt. Na manhã de ontem, 120 soldados do 18º Batalhão de Engenheiros de Bejaranos foram enviadas a La Pedreira. Gonzales disse que a 7ª Brigada da Vila Vicenzo tem 200 homens prontos a entrar em operação no garimpo de Puerto Nuevo.

Gonzales disse que até a tarde de ontem os militares não tinham prendido ou morto guerrilheiros na área do conflito. O coronel Vaz, do BEF, disse que os guerrilheiros estão sendo identificados pelos soldados e oficiais que estavam na serra do Traíra, no dia do conflito.

Ele afirmou que foi feita ficha com as impressões digitais dos colombianos mortos durante o conflito antes da incineração de seus corpos. Vaz informou que entregou a ficha ao Comando Unificado do Sul.

Vaz informou que o ministro da Defesa colombiano, general Oscar Botoero, e o ministro do Exército brasileiro, Carlos Tinoco, estão discutindo por telefone a ação conjunta contra a guerrilha que está sendo feita na fronteira dos dois países.

ONDE ESTÃO AS UNIDADES MILITARES DO PROJETO CALHA NORTE



General diz que ataque legitimou o Calha Norte

RICARDO ARNT
Da Reportagem Local

O ataque ao posto do Exército na serra do Traíra demonstra a vulnerabilidade da fronteira amazônica e a legitimidade do Projeto Calha Norte, afirma o general Hyran Ribeiro Arnt, 67, ex-comandante militar da Amazônia (1986-1988) e responsável pela implantação dos quartéis do Calha Norte. Segundo o general, hoje na reserva, a ameaça externa foi e continua a ser a motivação principal do projeto. Na sua opinião, o Calha Norte deve ser expandido e reforçado.

Antonio Brandt, 43, secretário-executivo do Conselho Indigenista Missionário, afirma que o episódio revela incompetência. O CIMI apóia a missão do Exército na defesa da fronteira, mas é contra a restrição dos direitos dos índios às suas terras: "O que o Calha Norte fez foi reduzir em 41% as terras dos tikuna, em 59,5% as áreas indígenas no Alto Rio Negro e em 76,4% a terra ianomami em Roraima".

Márcio Santilli, 35, diretor do Núcleo de Direitos Indígenas, questiona, também, a eficácia da hegemonia do Exército no projeto Calha Norte. "O que adianta botar um pelotão de fronteira num ponto remoto, isolado, a um custo enorme e com poucas condições de operacionalidade? No caso de Surucucu, em Roraima, a Aeronáutica não teria sido mais capaz de impedir a invasão de garimpeiros? Na rio Traíra, a Marinha não atuaria melhor?".

Garimpeiro afirma que Exército foi alertado

Do enviado especial a Tabatinga

O diretor da União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino, afirmou ontem que a invasão do destacamento do Batalhão Especial de Fronteiras (BEF), na Serra do Traíra foi feita por garimpeiros da mina de Gamberito, em Puerto Nuevo, Colômbia.

Altino afirmou que tinha comunicado a possibilidade da invasão por garimpeiros ao chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia (CMA), general Taumaturgo Sotero Vaz, 58.

O general Taumaturgo Sotero Vaz disse a informação de Altino não "confere com a realidade e

os fatos". Segundo ele, a invasão ao destacamento do BEF foi "organizada e executada com características próprias de grupos de guerrilha". Altino disse que, quando foi relatar a possibilidade de conflito ao general Taumaturgo Vaz, foi informado que sua informação não era isenta, já que ele possui interesses de exploração na área.

A União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal e a mineradora Paranapanema disputam na Justiça a exploração das terras brasileiras na Serra do Traíra para extração de ouro.

(ER)

Comandante vai a Brasília para discutir projeto

EUMANO SILVA
Enviado especial a Manaus

O comandante militar da Amazônia, general Antenor Santa Cruz, vai esta semana a Brasília para discutir o projeto Calha Norte com o ministro do Exército, Carlos Tinoco. A implantação do projeto pode ser acelerada depois do ataque ao destacamento do Exército na serra do Traíra.

O ataque fez crescer dentro do Exército a idéia de que a fronteira norte necessita ser ocupada com mais rapidez. O Projeto Calha Norte prevê reforço na ocupação de 6,5 mil quilômetros da fronteira do Brasil com Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname.

O Exército possui batalhões instalados em Tabatinga (AM), Boa Vista (RR), Macapá (AP) e São Gabriel da Cachoeira (AM). Os pelotões menores ficam instalados em Iauaretê (AM), Querari (AM), São Joaquim (AM), Cucuí (AM), Maturacá (AM), Surucucu (RR), Normandia (RR), BV-8 (RR) e Bonfim (RR). Estão projetados pelotões em Auaris (RR), Ericó (RR) e Tiriós (PA).

Desde que o Calha Norte foi criado, em 1985, as principais obras realizadas pelo Exército foram a conclusão dos quartéis de São Gabriel da Cachoeira, Querari, São Joaquim e Surucucu. Este ano, estão previstas a continuação da obra do quartel de Maturacá, o início de Auaris (RR) e melhoramentos nos quartéis de Tabatinga e Macapá. Em todas instalações há espaços para a comunidade, postos de saúde e escolas.

Coronel nega desvio de ouro por militares

Do enviado especial a Tabatinga

O comandante do Batalhão Especial de Fronteiras (BEF), coronel Augusto Pamplona Vaz, 47, negou que um sargento e um cabo da corporação estejam presos desde novembro do ano passado. Eles teriam desviado ouro apreendido de garimpeiros colombianos, que invadiram terras brasileiras, na serra do Traíra.

A informação sobre a possível prisão dos militares e o desvio de ouro apreendido dos garimpeiros colombianos foi fornecida pela União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal e pela Associação dos Moradores de Vila Bitencourt.

"O ouro apreendido dos garimpeiros foi jogado no rio Traíra. Os nossos soldados e oficiais não fariam o desvio. Isso poderia prejudicar as suas carreiras", disse Vaz.

Ele afirmou que quando um militar é acusado de desvio de verbas e bens é aberto uma auditoria pelo Exército para avaliar sua expulsão. "Roubo e desvios de bens são uma transgressão disciplinar, nesse caso o acusado corre o risco de ser expulso do Exército."

Vaz disse que a corporação resolveu jogar no rio o ouro apreendido dos garimpeiros para evitar que o mineral fosse desviado antes de chegar ao quartel do batalhão.

O BEF, segundo Vaz, sempre notifica ao Comando Unificado do Sul da Colômbia a existência de colombianos presos com ouro em terras brasileiras. (ER)

Mortos eram da guerrilha, diz militar

Do enviado especial a Tabatinga

O comandante do Comando Geral da Amazônia, general Santa Cruz, 63, disse ontem em entrevista em Manaus (AM) que os dois colombianos mortos durante o ataque ao destacamento do Batalhão Especial de Fronteiras (BEF) na Serra do Traíra, na fronteira entre o Brasil e Colômbia, eram guerrilheiros. Ele disse que os colombianos foram mortos durante reação dos sentinelas do destacamento.

A entrevista de Santa Cruz foi convocada depois que a União dos Sindicatos dos Garimpeiros da Amazônia Legal divulgou que a invasão foi feita por garimpeiros colombianos.

Segundo o capitão Ivan Carlos, 30, do destacamento que está na região, os corpos dos dois colombianos foram incinerados porque já estavam putrefatos. O capitão disse que os mortos tiveram as barrigas abertas e os corpos queimados com gasolina. As cinzas foram enterradas.

O comandante do BEF, coronel Augusto Pamplona Vaz, 47, disse que vai manter a polêmica "sobre se os mortos eram garimpeiros ou guerrilheiros", para não atrapalhar a investigação da morte dos soldados brasileiros. "Os jornais e TVs apresentam duas versões."

A polêmica começou quando o general Santa Cruz e o comandante do destacamento do BEF na Serra do Traíra, Sérgio Magluf, afirmaram para a Folha que os mortos eram guerrilheiros. (ER)

Guerrilheiros da Colômbia entram na vida política

FERNANDO GABEIRA
Em São Paulo

O momento em que a guerrilha colombiana faz sua entrada no cenário político brasileiro é para o resto do mundo o momento de seu ocaso.

Enquanto os soldados brasileiros eram mortos na Amazônia um importante movimento — o Exército Popular de Libertação — depunha suas armas e abandonava o processo revolucionário, para se integrar na luta política convencional.

O Exército Popular de Libertação era de origem maoista e decidiu que suas armas seriam entregues aos socialistas espanhóis, que funcionariam como árbitros de seu acordo com o governo colombiano para o cessar fogo.

O fim da luta armada maoista não significa a paz completa nas matas colombianas, mas indica que o movimento da guerrilha é no sentido da autoextinção para sobreviver politicamente.

O MR-19 também está buscando o caminho político, restando na arena as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), que atacou os militares brasileiros e o ELN, o mais aguerrido de todos os grupos guerrilheiros colombianos.

O ataque guerrilheiro na fronteira pode ter sido da própria guerrilha mas pode também ser de garimpeiros. Na Amazônia, os garimpeiros potencialmente podem entrar na guerrilha, mas o inverso também é verdadeiro.

A julgar pelo quadro político colombiano o inverso não só é verdadeiro como é mais provável, e os guerrilheiros podem estar buscando um sonho dourado ao invés do assalto aos céus, da tomada do poder.

Fortalecer a idéia de uma guerrilha perigosa em ascensão pode interessar no momento ao projeto Calha Norte, todo construído na hipótese de que as fronteiras brasileiras estão ameaçadas e é preciso defendê-las militarmente.

O próprio Ministro do Exército admitiu que agora, com o atentado, será possível criar um pelotão especial na área do rio Traíra. Na falta de um Sadam Hussein, a Amazônia descobre as Farc.

E deixa um pouco de lado os 800 mil garimpeiros que vagam pela Amazônia, não à espera de uma guerra, mas de um projeto social que os integre de novo.